

Pliés no estrangeiro

“Bailarino brasileiro é um herói”, diz Luciana Resende, 25 anos, há três nos Estados Unidos. Ela é uma das que conseguiu uma bolsa para estudar fora. É o caso também de Edna Azevedo, há 7 anos na Alemanha, que lamenta a falta de estrutura brasileira. “Se tivesse a possibilidade de trabalhar no Brasil, eu voltaria”, afirma.

Luciana começou a dançar na Academia Lúcia Toller e passou para a escola de Gisele Santoro. Em 1991, durante o I Seminário Internacional de Dança, conseguiu uma indicação para a Joffrey Ballet School, em Nova Iorque. Um ano depois, fez audições para o Illinois Ballet, onde trabalha hoje.

Quando apenas estudava, Luciana conseguia pagar a escola com o cachê de apresentações eventuais. “É possível fazer isso lá; aqui, nem pensar”, afirma. Conseguiu um emprego que lhe dá público e salário certos. Por isso, trocou o rigor dos tribunais (é bacharel em Direito) pela disciplina das sapatilhas.

Adaptação - Mesmo sem dominar o inglês, a bailarina se adaptou logo aos Estados Unidos. “A língua do balé é internacional”, lembra ela, que enfrentou uma concorrência que não existe no Brasil. “Aqui há uma acomodação natural”, salienta.

Sair para os ensaios numa temperatura de 40 graus negativos não é mais

uma dificuldade. Em férias no Brasil, Luciana vai dançar hoje a peça *Suite Copellia*. Mesmo lá fora, declara que tem orgulho de ser latina. Admira a técnica dos colegas, mas diz que o brasileiro tem o contraponto do sentimento.

Aos 18 anos, Edna Azevedo já estava em Berlim Oriental, estudando na Escola Estatal de dança. Com financiamento do CNPq, ela passou três anos se dedicando ao balé e voltou ao Brasil. “Tentei alguma coisa aqui, mas não tinha concurso em lugar nenhum; fiz audições e não consegui nada”, lembra ela.

Infraestrutura - Como tinha um convite do Leipzig Ballet, retornou à Alemanha e sentiu a diferença. “Lá o dia inteiro tem alguém te acompanhando”, orgulha-se ela, que tem oportunidade de se apresentar em vários lugares e uma carga horária de 7 horas diárias por um salário de US\$ 2 mil.

Edna também dança hoje em *Suite Copellia* e volta a Leipzig dia 20 de agosto para o início da temporada da companhia.

As bailarinas, no entanto, não titubeariam em voltar, se houvesse condições. “A capital da República não tem um corpo de baile”, lembra, es-pantada, Luciana. “Numa escola profissional geralmente as pessoas são mais preparadas”, diz Edna.